

ACÇÕES AFIRMATIVAS DO POVO SURDO: LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADES

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFS)
cleideemiliafayepedrosa@gmail.com

Juliana Barbosa Alves (UFS)
julialves01@hotmail.com

Alzenira Aquino de Oliveira (UFS)
alzeniraquino@academico.ufs.br

Fernanda Figueiredo Vieira (UFS)
nanda1libras@academico.ufs.br

RESUMO

Este trabalho está inserido no projeto “Aprendizagem cidadã no contexto da cidadania-humanização: o papel da análise crítica do discurso em prol dos grupos vulneráveis” (PVD7353-2019), desenvolvido com bolsa de iniciação científica do CNPq. O objetivo da comunicação é identificar projetos solidários que consolidam ações afirmativas de e para a comunidade surda no contexto de valorização da sua língua, cultura e identidade. Como aportes teóricos, utilizamos a Análise Crítica do Discurso (LIRA; ALVES, 2018), em diálogo com os Estudos Surdos (SOUZA, 2014; PERLIN, 2016) e Luta por Reconhecimento (HONNETH, 2009). De acordo com a teoria da Luta por Reconhecimento, os sujeitos se inserem na sociedade através de uma luta intersubjetiva por reconhecimento ao serem desrespeitados no amor, no direito e na solidariedade, dessa forma, a teoria nos ajuda a enxergar a luta por reconhecimento do Povo Surdo para ter suas especificidades (língua, cultura e identidade) reconhecidas. Consideramos, neste contexto, a Análise Crítica do Discurso (ACD) uma perspectiva teórica pertinente para abordar tais questões por seu engajamento com os grupos subalternos. Para atender ao objetivo, situamos esta pesquisa como inserida em uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com procedimento bibliográfico e objetivos descritivos e explicativos (CESÁRIO *et al.*, 2020). Ao atender este objetivo, a pesquisa nos conduziu a refletir que o reconhecimento de “ser” surdo passa pela compreensão de sua língua, identidade, e cultura. Nesse sentido, as ações afirmativas, com uma representatividade forte para os surdos, se tornaram o campo de luta em defesa de sua língua, cultura e de suas identidades.

Palavras-chave

Povo Surdo. Luta por Reconhecimento. Análise Crítica do Discurso.

RÉSUMÉ

Ce travail s’inscrit dans le cadre du projet « Apprentizagem cidadã no contexto da cidadania-humanização: o papel da análise crítica do discurso em prol dos grupos vulneráveis » (PVD7353-2019), développé avec une bourse d’initiation scientifique du CNPq. Le but de la communication est d’identifier des projets solidaires qui consolident les actions positives de et pour la communauté sourde dans le cadre de la valorisation de sa langue, de sa culture et de son identité. Comme contributions

théoriques, nous avons utilisé la *Critical Discourse Analysis* (LIRA; ALVES, 2018), en dialogue avec les *Deaf Studies* (SOUZA, 2014; PERLIN, 2016) et *Struggle for Recognition* (HONNETH, 2009). Selon la théorie de la Lutte pour la Reconnaissance, les sujets entrent dans la société à travers une lutte intersubjective pour la reconnaissance en étant méprisés dans l’amour, la loi et la solidarité, ainsi, la théorie nous aide à voir la lutte pour la reconnaissance des Gens Sourdes avoir leurs spécificités (langue, culture et identité) reconnues. Dans ce contexte, nous considérons l’analyse critique du discours (CDA) comme une perspective théorique pertinente pour aborder de telles questions en raison de son engagement avec des groupes subalternes. Pour répondre à l’objectif, nous situons cette recherche comme insérée dans une approche qualitative, de nature appliquée, avec procédure bibliographique et objectifs descriptifs et explicatifs (CESÁRIO et al., 2020). Pour atteindre cet objectif, la recherche nous a amenés à réfléchir que la reconnaissance d’« être » sourd nécessite la compréhension de sa langue, de son identité et de sa culture. En ce sens, les actions affirmatives, avec une forte représentation des personnes sourdes, sont devenues le terrain de lutte pour la défense de leur langue, leur culture et leurs identités.

Mots clés

Gens Sourdes. Lutte pour la Reconnaissance. Analyse Critique du Discours.

1. *Introdução*

Esta comunicação é um recorte do projeto “Aprendizagem cidadã no contexto da cidadania-humanização: o papel da análise crítica do discurso em prol dos grupos vulneráveis” (PVD7353-2019), desenvolvido com bolsa de IC do CNPq.

Como aportes teóricos, utilizamos a Análise Crítica do Discurso (LIRA; ALVES, 2018), em diálogo transdisciplinar com os Estudos Surdos (SÁ, 2002; SOUZA, 2014; PERLIN, 2016), e Luta por Reconhecimento (HONNETH, 2009). A Análise Crítica do Discurso é uma teoria social crítica que se engaja com as causas minoritárias, deste modo, podemos dizer que ela se preocupa com a causa do povo surdo.

Esta comunicação tem por objetivo identificar projetos solidários que consolidam ações afirmativas de e para a comunidade surda no contexto de valorização da sua língua, cultura e identidade. Assim, situamos esta pesquisa na abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com procedimento bibliográfico e objetivos descritivos e explicativos (CESÁRIO et al., 2020).

Segundo Pardo (2015), para o campo das pesquisas da Linguística branda, no caso da Análise Crítica do Discurso, por exemplo, este campo se ancora em paradigma qualitativo. A autora vai além e coloca o investigador, neste tipo de investigação, como sendo um observador do mun-

do. Em nosso caso, ressaltaremos uma investigação a partir de nós como observadoras dos acontecimentos que envolvem esta comunidade surda. Trazendo as explicações de Denzin e Lincoln, Pardo (2015) afirma que o observador do mundo cuida de dar significado aos fenômenos que observam e como as pessoas entendem este fenômeno. Para a analista crítica, “a investigação qualitativa é inerentemente multimetodológica, pois permite fazer uso de diversos métodos, técnicas e combinações analíticas” (PARDO, 2015, p. 280).

2. Análise crítica do discurso e grupos subalternos

Com o intuito de alcançar o objetivo desse trabalho (identificar projetos solidários que consolidam ações afirmativas envolvendo a comunidade surda no contexto de valorização da sua língua, cultura e identidade), consideramos a Análise Crítica do Discurso (ACD) uma perspectiva teórica que considera os aspectos culturais e históricos de uma sociedade para compreensão do discurso. E, acima de tudo, um campo que se engaja politicamente com os grupos subalternos a fim de contribuir com transformações sociais que venham beneficiar estes grupos (MELO, 2018; PEDROSA; CUNHA; BRITO, 2020). De acordo com Fairclough (2016), o analista em ACD adota procedimentos que implicam em ações de resistência à opressão e práticas de contrapoder.

Os direitos linguísticos dos surdos esbarram no embate entre a busca pela inclusão, e pelo respeito à sua cultura e à sua língua, perpassando sempre pela luta intersubjetiva de reconhecimento social. Esta questão responde ao foco de relacionar o mundo social com a linguagem (MAGALHÃES, 2005).

Encontramos em Pedrosa (2016) a assertiva de que para os pesquisadores analistas críticos do discurso é imprescindível reconhecer “como as práticas linguísticas, discursivas e sociais se inter-relacionam nas estruturas sociais” (PEDROSA, 2016, p. 71). Complementando esta linha de raciocínio, trazemos uma explicação a respeito da concepção de ACD apresentada por Van Dijk (2008):

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social. (VAN

Reforçando, as bases teóricas capitais em ACD colocam o pesquisador como um observador e leitor crítico do mundo, visto que trabalha com a interpretação de eventos sociais e discursivos registrados em textos/discursos (PARDO, 2015). Nessa perspectiva, iniciaremos um diálogo com os Estudos Surdos e com a Luta por Reconhecimento do povo surdo, destacando ações afirmativas por sua língua, sua cultura e suas identidades.

3. *Estudos surdos*

Atualmente, no Brasil, está em vigor a política de educação inclusiva para todos os alunos com “deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação” conforme temos na LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, cap. V, artigo 58, educação especial). E para o Ensino Superior, especificamente, é muito importante conhecer o projeto “Viver sem Limites”.

O Plano “Viver sem Limite” esteve sob a coordenação da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR); foi organizado em 4 eixos: Acesso à Educação, Inclusão Social, Atenção à Saúde e Acessibilidade. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, 23,91% da população brasileira apresentam algum tipo de deficiência, totalizando uma média de 45,6 milhões de pessoas. E sobre a surdez (temática de nossa apresentação), a FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, traz a informação que entre 15% – 25% dos brasileiros (25 milhões) apresentam surdez adquirida ou congênita.

Entre as ações no eixo da educação inclusiva, está a oferta de 27 cursos Letras/Libras para educação bilíngue. A Universidade Federal de Sergipe (UFS), como outras Instituições de Ensino Superior (IES), se insere com a proposta de implantação do curso de graduação em Letras Libras com a oferta de 30 vagas, cujo preenchimento atende às reivindicações da comunidade surda, através de seu índice de cota para este grupo vulnerável. Destacamos que o acesso ao curso, desde sua implantação em 2013, ocorre com realização de vestibular específico com a edição das provas em língua portuguesa e em Libras e forte apoio da presença de intérpretes. Em decorrência da situação pandêmica, em 2021, a proposta para aplicação da prova do vestibular Letras Libras/UFS é que seja

apenas para os surdos, enquanto que a entrada dos ouvintes seja pela nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2020.

Todavia, para chegar a essa posição educacional, os surdos passaram por um processo histórico longo e árduo, possível de ser investigado e refletido com base em diversos registros históricos, “textos científicos, entrevistas e documentos.” Registros esses historicizados por vários autores, entre eles, apontamos Strobel (2009) com sua obra *História da Educação de Surdos*, livro básico para o curso de Letras Libras da UFSC, universidade pioneira nesta modalidade de ensino.

Os acontecimentos da educação dos surdos podem ser divididos em 3 grandes fases, como cita Strobel (2009):

1. **Revelação cultural:** Nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso do Milão havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos.

2. **Isolamento cultural:** ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral.

3. **O despertar cultural:** a partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o renascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após de muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos. (STROBEL 2009, p. 9)

Diante das fases descritas acima, subentende-se que o uso da língua de sinais é o melhor instrumento metodológica para a educação de surdos, porém no decorrer da história da sua educação foi o “outro” ouvinte quem determinou o rumo da história e definindo como seria a educação dos surdos, ouvintes esses com uma visão de que a surdez deve ser corrigida (visão médica).Essa imposição da língua oral deixou um atraso profundo na educação de surdos, por isso, eles, em sua Luta por Reconhecimento (LR), se mobilizam a fim de que projetos, congressos, e escolas utilizem a Libras.

No Reino Unido, um ativista e pesquisador da cultura surda, Ladd, defende o uso do termo grupo subalterno para se referir aos surdos, e explica que as definições tradicionais de classe, tendo como origem uma influência ocidental não se “aplicam automaticamente à experiência Surda. Desta forma adotei o termo ‘subalterno’, derivado de Gramsci, que se refere a qualquer grupo de pessoas a quem é negado um acesso

significativo ao poder ‘hegemônico’” (LADD, 2013, p. 35). O ativista surdo defende o modelo de escola bilíngue, modelo defendido pela comunidade surda nacionalmente e no mundo.

Para nós, enquanto pesquisadoras engajadas com a comunidade surda e militantes em seus processos de luta, a educação para os surdos dever ser efetivada com a oferta que contemple o ensino bilíngue em todos os níveis (educação básica e superior).

Este nosso posicionamento se coaduna à proposta de educação, defendida pelos estudiosos da vertente dos Estudos Surdos (PERLIN, 2016; QUADROS, 2012; SKLIAR, 2003), que indicam a capilaridade dessa abordagem por se tratar de uma filosofia que se desdobra nos âmbitos de questões metodológicas, linguísticas, psicolinguísticas e pedagógicas, com abrangência que vai muito além do simples fato do professor ouvinte ter proficiência em língua de sinais, o que por sua vez, é imprescindível.

Atualmente a comunidade surda também luta pela inserção da disciplina Libras no currículo das escolas brasileiras. Os alunos surdos não estarão incluídos no sistema educacional se a rede regular de ensino não inserir em seu quadro de profissionais “professores surdos, professores bilíngues, tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa” (QUADROS, 2019, p.180). Esta tem sido a principal Luta por Reconhecimento da comunidade surda.

4. Luta por reconhecimento: ações afirmativas pela língua, cultura e identidades surda

Para a Luta por Reconhecimento (HONNETH, 2009), os sujeitos se inserem na sociedade através de uma luta intersubjetiva por reconhecimento ao serem desrespeitados no amor (esfera emotiva), no direito (esfera jurídica) e na solidariedade (esfera da estima social) dessa forma, a teoria nos ajuda a enxergar a luta por reconhecimento do Povo Surdo para ter suas particularidades (cultura e identidade) reconhecidas. Como já foi utilizado por Alves e Pedrosa (2020).

A comunidade surda, como minoria linguística, busca o reconhecimento de suas peculiaridades por seus interlocutores, ou seja, pela coletividade como um todo, e principalmente almejam, além da tolerância de sua distinção pelo outro, o “interesse afetivo por essa particularidade”, pois, “só na medida em que eu cuido ativamente de que suas pro-

priedades, estranhas a mim, possam se desdobrar, os objetivos que nos são comuns passam a ser realizáveis” (HONNETH, 2009, p. 211). A esta busca, chama-se “estima social”, conceito no qual iremos nos deter, como recorte da teoria, para este trabalho.

[...] a estima social [...] constitui-se no processo de interpretação de valores que valida critérios que escapam a um sistema universalmente válido. A organização moderna da estima social constitui-se pela disputa de um referencial valorativo passível de mensurar a contribuição social de determinadas propriedades e capacidades. O conteúdo das interpretações depende de qual grupo social consegue interpretar de maneira pública as próprias realizações e formas de vida, interpretações que se configuram como um campo permanente de luta social e conflito cultural. (VENTURA, 2011, p. 160)

Na esfera da estima social, na qual se desenvolvem as relações solidárias, os sujeitos se estimam entre si, estabelecendo valores éticos, definidos culturalmente, os quais são seguidos por todos. Desta forma, “o indivíduo se sabe aí como membro de um grupo social que está em condição de realizações comuns, cujo valor para a sociedade é reconhecido por todos os seus demais membros” (HONNETH, 2009, p. 209).

Esta relação recíproca, realizável em grupos, nos quais seus membros se estimam entre si, denomina-se relações solidárias. Estes sujeitos, desta comunidade de valores, alcançam a autoestima através do outro, ao reconhecer o outro é reciprocamente reconhecido, e assim, podem, enquanto comunidade, lutar por honra e dignidade, portanto, “a autorrelação prática a que uma experiência de reconhecimento desse gênero faz os indivíduos chegar é, por isso, um sentimento de orgulho do grupo ou de honra coletiva” (HONNETH, 2009, p. 209). Desta forma, pretendemos citar algumas ações que deram visibilidade a causa surda, que funcionaram com caráter de relações solidárias ou projetos solidários, atendendo ao objetivo proposto.

Inicialmente, trazemos uma audiência pública que aconteceu na cidade de Aracaju/Sergipe. O evento com o título “A oficialização da Língua Brasileira de Sinais, Libras, e seus reflexos”¹, ocorreu em dezembro de 2019. Na ocasião, foi discutida a importância da oficialização da Libras. O evento resultou de uma parceria estabelecida entre o ex-vereador Lucas Aribé, o deputado estadual Georgeo Passos, o senador Alessandro Vieira e a comunidade surda, representando no estado de

¹ Disponível em: <https://al.se.leg.br/audiencia-busca-oficializar-a-libras-no-pais/>. Acesso em: 14 dez. 2019.

Sergipe, a campanha nacional “#Oficializa Libras”. Estiveram presentes na audiência, o povo surdo, além de representantes de instituições da comunidade surda. Durante toda audiência, todos os discursos proferidos foram veiculados de forma bilíngue – na língua portuguesa e na Libras – para tanto, o evento contou com a participação de profissionais tradutores intérpretes de Libras e língua portuguesa.

Participaram do debate a presidenta do Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe (Ipaese), Ana Lúcia Nunes de Oliveira, a chefe do Departamento Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe, Alzenira Aquino, e o presidente do Centro de Surdos de Aracaju (Cesaju), Pablo Ramon Lima de Barros, além de membros da comunidade surda que exerceram o direito de “fala”.

O movimento “#OficializaLibras”², que tem adesão da comunidade surda de várias partes do Brasil, é uma idealização da advogada Kamila de Souza Gouveia, autora da Ideia Legislativa, ferramenta do Senado na qual o cidadão pode criar novas leis ou alterar as leis existentes, publicada no portal e-Cidadania, do Senado Federal, que tem o objetivo de tornar a Libras uma língua oficial no Brasil. Podemos reconhecer a importância desta audiência em prol dos direitos do Povo Surdo, enquanto membros de uma sociedade, pois, os direitos (humanos) são também um instrumento de transformação social e “os direitos específicos garantidos às minorias permitir-lhes-ão preservar a sua identidade” (MOREIRA; GOMES, 2012, p. 471).

A uma cidade na qual se realiza ações para os direitos humanos, pode ser entendida como “cidades de direitos humanos” ou “comunidades de direitos humanos” (MOREIRA; GOMES, 2012, p. 75-6), pois sediaram ações que visam a promoção dos direitos do ser humano, neste caso, da comunidade surda, que, de acordo com Pacto Internacional dos Direitos Cívicos e Políticos (PIDCP), como minoria linguística, “individualmente ou em conjunto com os outros membros do grupo têm o direito humano de usufruir da sua própria cultura, de professar ou praticar a sua própria religião ou de usar a sua própria língua” (MOREIRA; GOMES, 2012, p. 55).

A Língua Brasileira de Sinais, Libras, é reconhecida por meio da Lei nº 10.436/2012, como língua e como forma de expressão e comunicação dos surdos brasileiros, e sendo assim, “Deve ser garantido, por

² Disponível em: <https://www.oficializalibras.com.br/>. Acesso em: 14 dez. 2019.

parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais” (BRASIL, 2002, Art. 2º).

Apesar de completar 18 anos, a chamada Lei da Libras ainda não é efetivada em toda sociedade; desta forma, os surdos não se sentem, plenamente, como membros de um grupo no qual todos têm condições de partilhar as mesmas realizações (HONNETH, 2009). A barreira linguística é evidente e latente, tanto no meio social quanto no meio educacional, haja vista a dificuldade dos surdos durante o seu percurso escolar (SÁ, 2002; SOUZA, 2014; SKLIAR, 2016). Além deste fato, ao serem negados ao uso de sua língua, o Povo Surdo é impedido de exercer sua cidadania, pois é através de sua língua que eles recebem informações e formações, e desta forma sua diferença, sua língua, sua cultura e suas identidades são deixados à margem.

A denúncia de relações de poder institucionalizadas, e ações que tragam a conscientização dos que se encontram nessas relações, no caso, a comunidade surda, é um dos objetivos basilares para a ACD, considerando que esta área “se compromete politicamente em favor dos grupos vulneráveis que lutam por seus direitos”, por isso, é fundamental o engajamento em prol deste grupo que traz em sua história marcas de injustiça social, construindo, para isso, “projetos solidários” (PEDROSA, 2019, p. 166).

Em consonância com este pensamento, de “projetos solidários”, citamos uma ação desenvolvida pela Abralín, Associação Brasileira de Linguística, durante o período de isolamento devido ao coronavírus³, que realizou o evento Abralín ao Vivo⁴, no qual vários temas foram debatidos por diversos linguistas do Brasil e do mundo através de uma plataforma online. Algumas transmissões tiveram a sinalização em Libras, como por exemplo a conferência de abertura com o linguista americano Noam Chomsky⁵, que teve a interpretação em Libras realizada pela Professora Dr^a Ronice Quadros⁶, uma das precursoras dos Estudos Surdos no Brasil.

³ Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>. Acesso em: 10 mai. 2020.

⁴ Disponível em: <https://www.abralin.org/site/evento/abralin-ao-vivo/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

⁵ Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/?id=SO3tE7c1WhI>. Acesso em: 10 mai. 2020.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lmmfy-4g7o0>. Acesso em: 10 mai. 2020.

Destacamos que no mesmo evento o tema da surdez foi colocado em evidência, Gramática da Libras⁷, conferência proferida pela Professora Dr^a Ronice Quadros.

Coadunando com nossa explanação de “projetos solidários”, citamos a primeira série em língua de sinais, Série Crisálida, produzida no Brasil. Podemos imaginar o sentimento de honra coletiva (HONNETH, 2009) que a comunidade surda experienciou ter a Libras em evidência, como língua principal, em uma série de TVCultura. Protagonizada por atores surdos, a série mostra os desafios enfrentados pelos surdos que vive em uma comunidade ouvinte, como apresentado em sua sinopse: “Num universo onde o som não existe, jovens surdos enfrentam os desafios de uma sociedade desenhada apenas para ouvintes”⁸. No dia 1º de maio de 2020, a série passou a ser exibida na plataforma de filmes *Netflix*.

Na tentativa de imbricar a Luta por Reconhecimento com os Estudos Surdos, buscamos enfatizar o aspecto da solidariedade através de “projetos solidários”, nos quais a comunidade surda pôde experienciar o reconhecimento de sua língua, identidade, cultura. Por isso, podemos aferir que a comunidade surda, ao passar por essa experiência de reconhecimento, através de relações solidárias, se vê como membro de um grupo social, apto a usufruir, na mesma medida, de todos os direitos com todos os membros desta comunidade de valores (HONNETH, 2009).

5. Conclusão

Ao atender o objetivo proposto, a pesquisa nos conduziu a compreender que o reconhecimento de “ser” surdo passa pela compreensão de sua língua, identidade, e cultura, conforme Sá (2002, p. 84)., “(...) a cultura dos surdos é entendida como um campo de luta entre diferentes grupos sociais, em torno da significação do que sejam a surdez e os surdos no contexto social global”. Nesse sentido, as ações afirmativas, com uma representatividade forte para os surdos, se tornaram o campo de luta em defesa de sua língua, cultura e identidades. No encontro com seus pares, na troca de experiências e vivências de mundo visual, os surdos se reafirmam como “ser” surdo e ganham força em sua resistência. Assim,

⁷ Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/ronice-quadros/>. Acesso em: 02 jul. 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.seriecrisalida.com.br/>. Acesso em: 05 mai. 2020.

verificamos que a cultura surda, compartilhada pelos sujeitos surdos, é o lugar de afirmação de suas identidades.

Para a ACD, em diálogo com os Estudos Surdos e Luta por Reconhecimento, desvelar tais situações de imposição por um grupo dominante, no caso a cultura ouvinte diante da cultura surda, é o objetivo dos seus projetos de pesquisa que prezam por justiça e equidade social (LIRA; ALVES, 2018; HONNETH, 2009).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Juliana Barbosa; PEDROSA, Cleide Emília Faye. Temática do Enem 2017 e seu marco histórico: Análise Crítica dos Discursos dos simpatizantes pela causa surda. *Revista Espaço*, n. 53, jan./jun. 2020, p. 215-35. DOI: <http://dx.doi.org/10.20395/re.v0i53.655>. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/655/704>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 06 jan. 2019.

BRASIL. LDB – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em 05 de jun. 2021.

CESÁRIO, Jonas Magno dos Santos *et al.* Metodologia científica: Principais tipos de pesquisas e suas características. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, Ano 05, n. 11, v. 05, p. 23-33. Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tipos-de-pesquisas>. Acesso em 6 de jun.2021.

CUNHA, João Paulo Lima. “KD O PAI DESSA RIANÇA?!”: Uma abordagem sociológica e comunicacional do discurso de atores sociais pais de crianças com síndrome de down. Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2021, Inédita.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Univer-sitária de Brasília, 2. ed. 2016.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.

KOMATSU *et al.* Novas Medidas de Educação e de Desigualdade Educacional para a Primeira Metade do Século XX no Brasil. *Estud. Econ.*, vol.49 n.4, p. 687-722, São Paulo, out.-dez. 2019.

LADD, Paddy. *Comprendiendo la cultra sorda: en busca de la sordedad.* Gobierno de Chile, 2011.

LIRA, Luciane Cristina Eneas; ALVES, Regysane Botelho Cutrim. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., J.R.L.; SATO, D.T.B.; MELO, I.F. de (Orgs). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas.* São Paulo: Parábola, 2018. p. 104-22

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa.* Brasília: UnB, 2017.

MELO, Iran Ferreira de. História da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., J.R.L.; SATO, D.T.B.; MELO, I.F. de (Orgs). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas.* São Paulo: Parábola, 2018. p. 20-35

MOREIRA, V.; GOMES, C. de M. (Coords). *Compreender os Direitos Humanos – Manual da Educação para os Direitos Humanos.* 3. ed. Versão original Wolfgang Benedek. Graz, Áustria, 2012. Disponível em: <http://igc.fd.uc.pt/manual/index.html>. Acesso em: 24 mai. 2020.

PARDO, Maria Laura. Metodología de la investigación en lingüística: reflexiones y propuesta. *Revsta da ABRALIN*, v. 14, n. 2, jul./dez. 2015, p. 271-88. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1267>. Acesso em: 2.jun. 2021.

PEDROSA, Cleide Emília Faye; CUNHA, João Paulo Lima; BRITO, Maiane Vasconcelos de. Cidadania de Resistência: os Estudos Críticos do Discurso e a educação de surdos. SOUZA, Rita de Cácia Santos; BARBOSA, Josilene Souza Lima (Orgs). *Surdez e Libras.* 1. ed. Aracaju-SE: Criação, 2020, p. 31-55. 216p. Disponível em: <http://editoracriacao.com.br/e-books/>. Acesso em: 02.jun.2021.

_____. Análise Crítica do Discurso no PPGL: pesquisas e contribuições sociais. In: RAMALHO, C.B.; LIMA, G. de O.S. (Orgs). *Estudos linguísticos e literários:* Edição comemorativa 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS. Aracaju: Criação, 2018. p. 153-78

_____. Construção da identidade interseccional: uma análise crítica do discurso sobre mudanças sociais e discursivas de/para mulheres surdas. *Revista do GELNE*, v. 21, n. 2, p. 165-177, Natal-RN, 2019.

_____. Análise Crítica do Discurso e a proposta da corrente nacional: da abordagem às primeiras pesquisas. In: _____. *Estudos linguísticos e formação docente*. Campinas,-SP: Pontes, 2016. p. 69-100

_____. *Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. Parte 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social*. Natal: UFRN, 2012. (Texto fundador. Disponível em: www.ascd.com.br)

PERLIN, Gladis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-73

QUADROS, Ronice Muller de. O “Bi” em bilinguismo na educação de surdos. In: LODI, A.C.B.; C.B.F, LACERDA (Orgs). *Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Mediação. 2012. p. 187-200

_____. *Libras*. Série: Linguística para o ensino superior. Vol 5. São Paulo: Parábola, 2019.

SÁ, Nídia Regina Lima de. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: ____ (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 7-32.

_____. *Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngüe para surdos*. Campinas: Mercado das Letras. 2003.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. *Tobias Leite: educação dos surdos no século XIX*. São Cristóvão-SE: UFS, 2014.